

Humberto Espíndola

Pintura e verso



Cuiabá

Editora • **Maria Teresa Carrión Carracedo**
Fotos • **Aline Figueiredo** | **José Maurício** | **Rafael Ozelame** | **Anderson Ortiz** | **Protásio de Moraes**
Arte-finalização e tratamento de imagens • **Maíke Vanni**
Revisão dos textos introdutórios • **Marinaldo Custódio**
Produção gráfica e foto da capa • **Ricardo Miguel Carrión Carracedo**
Assistente na edição • **Walter Galvão**
Impressão, pré-impressão e acabamento • **Ipsis**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Espíndola, Humberto
Pintura e verso / Humberto Espíndola. -- Cuiabá, MT :
Entrelinhas, 2017.

ISBN 978-85-7992-108-7

1. Arte e literatura 2. Bovinocultura 3. Cultura - Mato Grosso
4. Poema e pintura 5. Poesia brasileira I. Título.

17-08243

CDD-869.1

Índices para catálogo sistemático:
1. Poesia e pintura : Literatura brasileira 869.1

Reprodução proibida. Todos os direitos desta edição reservados para Entrelinhas Editora
Impresso no Brasil
1ª edição: 1.000 exemplares



Av. Senador Metelo 3773, Jardim Cuiabá | Cep. 78.030-005 Cuiabá, MT, Brasil
Distribuição e vendas: (65) 3624 5294 | 3624 8711
e-mail: editora@entrelinhaseditora.com.br | www.entrelinhaseditora.com.br

À Aline Figueiredo e
Carlos Marques Medeiros,
companheiros
de uma vida inteira.

Agradecimentos

A Marcio Markendorf,
que me auxiliou, e muito,
na seleção dos versos deste livro.

Aos queridos amigos
Érika Abdala e
Willian Gama
pelo inestimável apoio.

E também a
Anderson Nunes Ortiz
Flávio Adriano
Giovano Carvalho Nunes
Mário Olímpio
Bobby Baq
Giselle Zamboni
Murilo Espínola
Maria Teresa Carracedo
Mariza Bertoli

Da minha aldeia veio quanto da terra se pode ver no Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não, do tamanho da minha altura...
Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.
[...]

Alberto Caeiro

Heterônimo de Fernando Pessoa,
em "O guardador de rebanhos", poema VII,
em 'Eu sou do tamanho do que vejo'

Sobre pintura e verso

Marcio Markendorf¹

Na terra bovina

A poesia insiste

Mas passa como um risco

Humberto Espíndola

Há um aforismo bastante conhecido nos estudos literários que estabelece uma relação de similaridade entre a representação gráfica e a verbal, notadamente entre a pintura e a poesia. O filósofo e poeta romano Horácio registrou em *Arte Poética* o caráter análogo dessas duas formas artísticas miméticas com a máxima *ut pictura poesis* ("como a pintura, a poesia"). É com base nessa premissa de fraternidade das artes que esta obra vem a público.

Humberto Espíndola: pintura e verso figura como um trabalho comemorativo dos 50 anos de bovinocultura, oferecendo ao leitor outro produto criativo derivado da exploração estética da figura bovina – a escrita literária. No intervalo temporal

1. Professor universitário, escritor e ensaista. Graduado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2003) com doutorado em Literatura, concentração em Teoria da Literatura, pela Universidade Federal de Santa Catarina (2009). Atualmente é Professor Adjunto do Departamento de Artes da Universidade Federal de Santa Catarina e leciona no curso de bacharelado em Cinema e no Programa de Pós-graduação em Literatura.

compreendido pela produção do artista, as mais diversas explorações estéticas tomaram lugar, indo da pintura ao monumento. Faltava apenas a entrada em cena da palavra para o desenho de outros 'sonhos bovinos'.

Inspirado pelos ideais do muralismo mexicano, Humberto Espíndola produziu um tipo singular de arte na abordagem de um elemento-símbolo da cultura de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul. Assim, permeado pelo estético e pelo político, o binômio pecus/pecúnia funcionou como mote exploratório de uma poética crítica ao poderio econômico da pecuária e do Estado. Ao longo do seu ofício visual, o artista percebeu que o boi podia mais, tornando-o um *leitmotiv* plástico atravessado por aspectos simbólicos, mitológicos, místicos – fato confirmado pelos múltiplos enquadramentos/cenas da bovinocultura. Imagem de semiose infinita, faltava à *imago* bovina um aspecto verbal, agora contemplado com este livro. Aqui o verso assume a forma ótica do pensamento, afinal, como diria o poeta ucraniano Aleksandr Potnebia, "A arte é pensar por imagens". O boi puxa a imagem puxa a palavra puxa o boi puxa a arte.

A relação entre poesia e imagem não é gratuita. A poetisa norte-americana Sylvia Plath ao tratar da criação do "pequeno poema de jardim, sem pretensões oficiais [como os poemas épicos]", assim argumenta: "Como hei de descrevê-lo? – abre-se uma porta, fecha-se uma porta. Entre uma coisa e outra, entrevimos uma imagem – um jardim, uma pessoa, um aguaceiro, uma libélula, um coração, uma cidade". Tal concentração poderia ser aplicada a esta coletânea: versos produzidos entre o abrir e fechar dos olhos, entre uma imagem e outra. Não se tratam, no entanto, de poemas-legenda, mas de um diálogo entre duas tomadas – uma plástica e outra

verbal – para uma mesma cena concebida pelo coração imaginativo do artista. Tudo sem perder o foco, o centro: o protagonista gado.

Na literatura a figura do boi é encontrada de modo expressivo no cordel e nas narrativas de inclinação regionalista, embora seja difícil nomear algum/a autor/a que o tome como uma constante literária. Há momentos memoráveis, pontuais, mas nada que se assemelhe à dedicação artística de Humberto Espíndola nas artes visuais. Entretanto, vale destacar o experimentalismo da singular novela *Fazenda Modelo*, obra de Chico Buarque publicada em 1974, cujo teor dialoga diretamente com temas da fase crítica da bovinocultura: exploração econômica do boi, ditadura, política. A evocação de Chico Buarque também é realizada aqui como recordação de outros vínculos, o da criação musical e da criação literária. Musicalidade, imagem, verso – um trinômio que impulsionou Humberto Espíndola nesta tarefa de *risco*, palavra empregada sem o sentido de perigo, antes disso: como linha do horizonte visual e linha do horizonte da página.

Outra (livre) associação, por fim, poderia ser evocada: a relação estreita entre o verso, o arado e o boi. Na arqueologia imaginária do arado (ao qual, mais tarde, será atrelado o boi), encontra-se a ideia de fecundação da terra por um princípio masculino, fálico. A metáfora agrícola evoca, pois, o princípio da criação com a abertura de um sulco, um risco na terra-fêmea. O santo espanhol Isidoro de Sevilha teria comparado o arado ao estilete a fim de irmanar as atividades do lavrador e do escritor – página e campo seriam ambos fertilizados pelo esforço das linhas. Além disso, os gregos possuíam um sistema de escrita arcaico chamado bustrofédon (*boustrophēdón*), de natureza bidirecional, cuja redação alternava uma linha

escrita da esquerda-para-direita e outra da direita-para-esquerda. O princípio era similar ao modo como o boi ara a terra: ao chegar ao final do campo, o animal dá meia-volta e retorna, em sentido contrário, arando outra porção do solo. De algum modo, então, o boi está presente no que poderia ser uma forma prototípica do verso na poesia. Aliás, *strophés*, palavra de origem grega para "virada, volta", está na origem da concepção poética de estrofe.

O conjunto de relações evocadas até agora justifica este trabalho único na literatura brasileira e nas artes visuais, concebido como projeto verbo-visual para os fins comemorativos da arte cinquentenária da bovinocultura. O encontro da pintura e da poesia, no jogo de reinvenção artística, por fim, pede a reescrita do aforismo inicial: "Como na pintura, o poema-boi".

O grande encontro

Humberto Espíndola

*Quis fazer um poema de boi sem nada
Sem casco, sem couro
Sem chifre, sem marca
Sem confinamento
Sem pasto
Sem dono, sem cerca
Deu microconto*

Meu contato com a pintura, ainda aos 13 anos, foi apenas técnico. Meia dúzia de quadros retocados pelo professor Bassi me ajudaram a desistir da pintura. Quando a família elogiava, eu sabia que eram elogios para os retoques do professor. Creio que experimentei ali o meu primeiro senso de autocrítica: não quis mentir para mim mesmo.

Entre 14 e 18 anos é difícil segurar as paixões, e, já amante de bons livros risquei meus primeiros versos, bastante ingênuos, mas que foram amadurecendo com o tempo. Aos 20, chego em Curitiba já com um poeta e sua obra dentro de mim. Conheci a boemia e muitos poetas. Participei de um grupo teatral, com foco na poesia, liderado pela Lucia Glück, querida amiga. Enfim, me sentia artista, nos braços de Euterpe.

Mas a vida sempre nos prega peças. Estudante de Jornalismo, e me aprofundando mais um pouco na literatura, logo conheci Fernando Pessoa, e seu heterônimo Alberto Caeiro tinha escrito todo o meu sonho de poeta e versos. Por outro lado, ironicamente, as fantásticas aulas de história da Arte, ministradas pelo prof. Barontini, me fizeram ficar apaixonado pela pintura. Foi definitivo. A pintura me ensinou a ser feliz. Quando retornei a Mato Grosso, já pintor, queimei uns 320 poemas e pedi pra minha irmã Tetê jogar as cinzas no rio Cuiabá...

Claro que o poeta teve suas recaídas em vários momentos que não considerei felizes nestes últimos 50 anos. Mas num belo dia de abril de 2011, Mario me apresentou ao Twitter e mais uma vez a emoção literária me pegou.

A síntese sempre foi um dos caminhos na busca da perfeição, seja na literatura ou na plástica. Com o Twitter no meu cotidiano, senti de imediato estar diante de uma nova ferramenta de abordagem na literatura. Revisitei meus abandonados cadernos de poesia e repensei ou recriei alguns escritos sob um novo interesse e prazer instigado por essa métrica de até 140 toques. Foi como uma mola propulsora. Comecei a tuitar para algumas obras específicas. Quase legendas sim, mas ainda assim sinto poesia ali, e compõem pelo menos um terço deste trabalho.

Já com o passar de alguns anos, fui sentindo necessidade de incluir a questão, o ícone, a bovinocultura. Cenário inevitável e inelutável deste novo jogo dos meus sentimentos poéticos. De observador da bovinocultura passo a sentir-me um ser social dessa Bovinocultura. Dialogo com meus sentimentos, converso com o boi através destes microtextos. Boi interlocutor, parâmetro, compromisso, pois não à toa pinto o boi há 50 anos.

O aspecto da "legenda" desaparece e fico a interrogar que imagens da minha produção podem acrescentar enigmas em meus escritos, tornando-os paradoxalmente mais claros. Penso, qual plástica ajunto a essa literatura? Na verdade, apenas cenário desse teatro existencial onde a síntese poética *versus* a imagem é a razão do mistério simbólico. A intuição é sempre salvadora. Este é o resultado que lhes entrego.